



cultur

Revista de Cultura e Turismo

Artigo:

O TURISMO COMO FOMENTADOR DA CONFIGURAÇÃO ESPACIAL DO MUNICÍPIO DE OURO PRETO: O NOVO DISTRITO DE LAVRAS NOVAS

Autor:

Erika Dias Cordeiro¹

Copy right, 2007, CULTUR. Todos os direitos, inclusive de tradução, do conteúdo publicado pertencem a CULTUR - Revista de Cultura e Turismo. Permite-se citar parte de artigos sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte. A reprodução total de artigos é proibida. Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es), que serão informados que a aprovação dos artigos implica na cessão imediata de direitos, sem ônus para a revista, que terá exclusividade de publicá-los em primeira mão. Em caso de dúvidas, consulte a redação: revistacet@hotmail.com

A CULTUR – Revista de Cultura e Turismo, é um periódico científico eletrônico, idealizado no Programa de Mestrado em Cultura e Turismo da Universidade Estadual de Santa Cruz. Com a missão de fomentar a produção científica e a disseminação de conhecimento multidisciplinar relacionados com Cultura, Turismo e áreas afins, objetivando a troca de informações, a reflexão e o debate, provendo assim o desenvolvimento social.

CULTUR – Revista de Cultura e Turismo

CULTUR, ano 02 – n. 02 – jul/2008

www.uesc.br/revistas/culturaeturismo

1 Especialista em Turismo e Desenvolvimento Sustentável pela UFMG. Pós-graduanda em Educação Ambiental Como Estratégia para a Sustentabilidade Local pela UFOP. Graduada em Turismo pela UFOP. Técnica em Turismo e Lazer pelo CEFET-MG. Graduada em Administração Pública pelo CEAD/UFOP.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar as transformações espaciais ocorridas em Lavras Novas em decorrência da chegada do turismo. Apesar do grande potencial ecoturístico da localidade, esta atividade vem acontecendo há algumas décadas sem a devida organização, o que está ocasionando diversos tipos de impactos provenientes da exploração não planejada da atividade turística. Pretendeu-se também detectar a posição do poder público municipal frente a este processo de turistificação que vem ocorrendo no local e quais as medidas que estão sendo tomadas frente a esta problemática, visando conter a capacidade de transformação do fenômeno turístico. A metodologia utilizada no desenvolvimento desta pesquisa foi a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. Desta forma, este trabalho desenvolveu-se através de um estudo de caso sobre o distrito de Lavras Novas, procurando diagnosticar o poder de interferência do turismo sobre a mesma, já que, segundo Gontijo (2003), há localidades que passam por uma transformação socioespacial.

PALAVRAS CHAVE: Turismo; reterritorialização; planejamento turístico; ouro preto; lavras novas.

ABSTRACT

The main objective of this study was to analyze the space transformations occurred in Lavras Novas in result of the tourism arrival. Although the locality great ecotouristic potential, this activity comes happening there are some decades without organization, what is causing diverse types of impacts proceeding from the exploration not planned of the tourist activity. It was also intended to detect the position of the municipal public power front to this touristification process that comes occurring at this place and which measures they are taking front to this problematic, aiming at to contain the transformation capacity of the tourist phenomenon. The methodology used in the development of this research was the bibliographical research and the field research. In such a way, this work was developed through a case study in Lavras Novas district, looking for to diagnosis the tourism interference power in this place, as you can see, according to Gontijo (2003), it has localities that pass for a space and social transformation.

KEY WORDS: Tourism; territorial reconfiguration; touristic planning; ouro preto; lavras novas.

1. INTRODUÇÃO

Desde sua difusão, em meados do século XIX, o turismo vem se apresentando, especialmente no Brasil, como a única das atividades econômicas modernas que literalmente atua consumindo espaços (CRUZ, 2002). Tal condicionante tem despertado o interesse dos estudiosos no que diz respeito à busca por respostas sobre as tendências e influências do turismo no processo da organização espacial.

Neste contexto, a geografia tem se destacado, uma vez que seu objeto de estudo é o espaço geográfico. Ao mesmo tempo em que a geografia tem procurado construir uma base sólida, que ratifique a necessidade de criação de vínculos com o turismo (Geografia do Turismo), as organizações sociais, especialmente as de espaços urbanos com potencialidades turísticas, vem buscando no turismo uma forma de inserção e desenvolvimento socioespacial, o que tem influenciado nas transformações espaciais. Assim, os espaços vem sendo transformados pelo turismo sem o devido aporte científico, o que tem resultado em fortes embates relacionados a viabilidade dessa atividade enquanto alternativa de desenvolvimento.

Se por um lado o turismo propicia o desenvolvimento dos locais onde é estabelecido; por outro, sua implementação resulta em fortes alterações no meio ambiente devido a exaustão do uso dos espaços selecionados e a preocupação “tardia” com o equilíbrio ambiental, além dos embates criados entre os espaços de inclusão e os espaços de exclusão. Este fato tem despertado o poder público para a importância de intervir no desenvolvimento desta atividade, fazendo com que o mesmo tome a dianteira no que se refere a criação de políticas públicas destinadas ao controle da implementação das atividades turísticas em espaços predefinidos. Desta forma, o turismo deixa de ser algo produto da “contingência”, se transformando em uma forte “arma” de reordenamento espacial.

Diante desta discussão, pressupõe-se que o turismo não representa uma categoria de análise, isto quer dizer que ele não possui autonomia que permita separá-lo a fim de fazer-se um estudo isolado da atividade. Sendo assim, segundo os estudiosos do turismo, por não possuir metodologia própria, só é possível analisá-lo dividindo-o em sub-sistemas. O turismo não é técnica nem ciência com independência e faz uso de princípios, recursos e conclusões dos mais variados ramos do conhecimento, como da administração, economia, comunicação, antropologia, sociologia, história, geografia etc.

A obrigatoriedade de deslocamentos espaciais para que se caracterize o turismo, a relevância da paisagem para a atividade e as alterações econômicas, físicas e sociais provocadas com o seu desenvolvimento faz com que, no estudo do turismo, a geografia ocupe um papel de destaque, já que ele provoca mudanças no objeto desta ciência: o espaço. O turismo reorganiza o espaço criando estruturas urbanas e regionais com características singulares, que expressam, em níveis espaciais, o modo de produção e reprodução de uma sociedade.

O espaço geográfico é o principal objeto de consumo do turismo e disso decorre uma das mais importantes especificidades da prática social do turismo: o consumidor, aqui chamado de turista, tem de se deslocar até o produto a ser consumido, o lugar turístico. Em função dessa característica, o turismo acaba por causar transformações, diretamente, a pelo menos três porções do espaço geográfico: sobre os pólos emissores de fluxos, os espaços de deslocamento e, principalmente, sobre os núcleos receptores de turistas (CRUZ, 2001).

Deste modo, o turismo é um dos eixos desencadeadores dessa espacialização, age desterritorializando e produzindo novas configurações geográficas. Assim, certas regiões originalmente ocupadas por comunidades tradicionais são expropriadas para dar lugar às segundas residências, aos grandes *resorts*, às cadeias hoteleiras, aos restaurantes e demais equipamentos turísticos, como parques temáticos, por exemplo.

Neste contexto, segundo alguns autores, este processo de apropriação do lugar para e pelo turismo é chamado de “turistificação”. Eles consideram que os espaços se artificializam ou se turistificam no momento em que são destinados a satisfação dos que chegam de fora. Desta forma, Almeida (2000) considera que “[...] no contexto atual, a valorização dos aspectos econômicos do turismo tem negligenciado os estudos e a condição dos aspectos relacionados à natureza, à cultura e aos aspectos psicossociais [...]”. Fato que repercute diretamente sobre as populações tradicionais e/ou residentes.

Desta forma, o capital, ao transformar o espaço em mercadoria, faz surgir novas atividades econômicas, como o ramo das atividades do turismo e do lazer. Todavia, não se pode esquecer que o turismo provoca profundas mudanças ambientais, redefine as singularidades espaciais além de reorientar os usos. Oliveira (1999) afirma que, no caso da transformação do tempo de ócio em negócio, entra em jogo o que Lefebvre (1976) chama de emergência das novas raridades (a luz, o ar, o espaço e o tempo). O que antes era abundante torna-se raridade e entra no circuito das carências tão necessárias à economia política, por isso objeto de estratégias governamentais e privadas. O

espaço passa a ser raridade, sobretudo, se acompanhado de atributos como “natural”, “verde”, “rural”, “conservado”.

Nesta conjuntura, o fenômeno da apropriação dos campos pelas populações citadinas em busca de lazer é, sem dúvida, uma das faces da nova modernidade que, se de um lado gera a globalização, a desterritorialização e a busca pelas intensidades urbanas, de outro gera o desejo de novas cosmicidades, de um resgate da natureza, de reterritorialização na busca de lugares singulares com identidade própria. Este fenômeno é motivado também pela fuga da violência das cidades metropolitanas, que vem gerando um estado de ansiedade crônica nos cidadãos. Tal fato leva-os a buscar, nos finais de semana, lugares vizinhos que possam lhes proporcionar o antídoto para essa ansiedade, ou seja, o lazer em contato com uma paisagem mais natural e com um ritmo mais lento.

Nesta cena contemporânea, as localidades tradicionais com suas referências históricas, os lugares com suas singularidades e atrativos naturais – desde que permitam a sua conexão global – bem como o respeito ao ambiente e aos seus habitantes, parecem responder ao ideário do novo Éden.

Neste contexto, insere-se o distrito de Lavras Novas, localizado no entorno de Ouro Preto, e no qual, nas últimas décadas, a atividade turística vem sendo explorada de maneira cada vez mais ampla; porém, percebe-se que, devido à falta de planejamento da atividade aliada ao crescente fluxo turístico, tal distrito vem sofrendo diversas formas de impactos ambientais. É provável que o motivo que despertou o interesse dos turistas por esta localidade foi o fato de que o distrito de Lavras Novas viveu séculos isolado. As pessoas que visitavam Ouro Preto, Mariana e outras localidades da região, acabavam por não visitarem Lavras Novas devido a seu difícil acesso, o que permitiu este isolamento físico, ajudando a manter, quase inalteradas, as características arquitetônicas e, principalmente, os valores culturais e características ambientais.

Contudo, a partir da década de 1980, algumas pessoas começaram a freqüentar o local, atraídas pelas peculiaridades decorrentes do isolamento, beleza cênica, tranquilidade, receptividade e tradições, principalmente religiosas. Porém, atualmente, a atividade turística ganhou tamanha proporção ao ponto de os moradores nativos estarem até mesmo alugando suas próprias residências ou cômodos construídos no mesmo lote para os visitantes. Hoje, o turismo tem sido a principal alternativa econômica para os mesmos que, até então, viviam principalmente do artesanato de taquara e da coleta de lenha. Todavia, a falta de preparação da comunidade local, bem como a falta de intervenção por parte da administração pública para receber os turistas, têm feito com que estes

estejam menosprezando suas tradições culturais e, principalmente, a proteção ao meio ambiente, transformando-os em meras mercadorias diante desta incessante necessidade de atraírem os turistas. Assim, a nova configuração espacial no território do município de Ouro Preto, ocorrida com a recente elevação do povoado de Lavras Novas à categoria de distrito em 2005, certamente se deu devido à influência do fenômeno turístico. A crescente demanda pela prática do ecoturismo, uma das categorias da atividade turística ligada ao contato com a natureza, tem feito com que a atual gestão pública volte o seu olhar para esta localidade, buscando tornar o local ainda mais conhecido.

Presume-se que a gestão pública municipal atual tem atribuído grande valor à atividade turística a ponto da mesma estar provocando novas configurações em seu território. Contudo, está ocorrendo uma inversão no que diz respeito às etapas do planejamento turístico, pois ao invés de se iniciar pela preparação do local visando atender à demanda turística, percebe-se que o poder público tem se mostrado mais interessado em difundir e ampliar a imagem de Lavras Novas como produto turístico. Isto é o que este estudo pretende constatar através de uma análise dos propósitos desta elevação de categoria, onde é esperado que haja um novo modelo de gestão administrativa para o recém-criado distrito e não simplesmente a atribuição de uma maior importância sem maiores fundamentos.

Assim, o tema proposto nesta pesquisa visa fornecer uma visão das modificações ambientais que o desenvolvimento da atividade turística pode provocar e, também, porque ainda é bastante escassa a investigação de cunho científico dos impactos provocados pelo turismo. É importante ressaltar que neste estudo o termo “ambiental” será considerado não apenas como o entorno físico, mas compreenderá também os aspectos sociais, culturais, econômicos, espaciais etc, que se encontram inter-relacionados.

A escolha deste centro geográfico se deu por se tratar de uma localidade com grande potencial para a prática da atividade turística, que já vem sendo amplamente explorada, apesar da visível falta de preparação do poder público, bem como da população local para receber os turistas; e à oportunidade de se estudar o poder de interferência que o turismo tem de transformar os espaços. No município de Ouro Preto é bastante perceptível uma ação descontrolada do turismo, todavia, o poder público parece estar mais interessado na divulgação da localidade do que na estruturação local para atender a esta demanda.

Sendo assim, diante destes fatores, o que causa grande preocupação é o fato de ter sido diagnosticado em um estudo recente (CORDEIRO, 2005) sobre as propostas da Secretaria de Turismo de Ouro Preto para o desenvolvimento da atividade turística no município, que o setor público tem como meta principal divulgar o entorno de Ouro Preto para diversificar seu produto turístico que se encontra muito concentrado no centro histórico localizado na sede do município visando, assim, um aumento da estadia do turista. Desta forma, os distritos e povoados rurais serão ainda mais expostos, sendo importante ressaltar que estes não se encontram preparados, tanto no que diz respeito à infra-estrutura, quanto à população local, para receberem estes turistas.

2. OBJETIVOS

2.1 Geral:

- Estudar a evolução das transformações espaciais e os problemas decorrentes do processo de “turistificação” que vem ocorrendo na localidade de Lavras Novas.

2.2 Específicos:

- Caracterizar o potencial ecoturístico do novo distrito;
- Diagnosticar os principais impactos provocados pelo turismo neste território;
- Identificar a intenção do poder público ao promover esta nova configuração espacial e administrativa em seu município.

3. TURISMO E ESPAÇO: DO CONSUMO À TRANSFORMAÇÃO

Para discutir o tema proposto, a princípio, faz-se necessário buscar compreender o fenômeno turístico e até que ponto esta atividade interfere na dinâmica do espaço geográfico. Uma definição apropriada deve considerar o turismo como atividade econômica e social, tanto pelas motivações que o originam e o determinam, quanto pelas implicações e efeitos que exerce nos sistemas econômico, social, espacial e ambiental dos lugares receptores, bem como nos de origem dos viajantes.

Oliveira (2001, p.36), fazendo uma adaptação ao conceito de turismo desenvolvido pela Organização Mundial de Turismo – OMT, define este como um *“conjunto de resultados de caráter econômico, financeiro, político, social e cultural, produzidos numa localidade, decorrentes da presença temporária de pessoas que se deslocam do seu local habitual de residência para outros, de forma espontânea e sem fins lucrativo”*. Citando McIntosh, OLIVEIRA (2001, p.39) associa

ainda o turismo como sendo uma “*ciência, arte e atividade capaz de atrair, transportar e alojar visitantes, com o objetivo de satisfazer suas necessidades e a seus desejos*”. Contudo, tanto a primeira como a segunda concepção apresenta alguns equívocos implícitos.

Na primeira concepção a questão da relação espaço-tempo é desconsiderada ao se valorizar o espaço e o tempo como duas coisas distintas. Santos (1997) vai mais além ao alertar para a necessidade de indissociarmos os termos espaço e tempo para não cairmos nos erros que limitam a interpretação de um com a ausência do outro. Sendo assim, o turismo não pode estar limitado a um resultado econômico, financeiro, político, social e cultural. É também isso, mas, principalmente, é reflexo temporal dessas influências em um determinado espaço com escalas hierárquicas diferenciadas, porém, indissociáveis, assimiladas por um observador. Nesse contexto, Pires (2002, p.162), compreende a paisagem como um elemento essencial para o turismo: “*Se a razão de ser do turismo (...) é o deslocamento ou movimento voluntário das pessoas de um lugar para outro no espaço, então o turismo pode ser concebido como uma experiência geográfica na qual a paisagem se constitui como elemento essencial*”.

Avançando um pouco mais nessa perspectiva, Rodrigues (1997) utiliza o termo espaço turístico para identificar a influência desta atividade no consumo do espaço uma vez que seus elementos são dotados de territorialidades e intencionalidades. Completa ainda ratificando a importância do estudo da paisagem ao enquadrá-la como um recurso extraordinário sendo importante a análise da imagem (percepção) que esta produz no observador e como este interfere em sua dinâmica.

Nesse contexto, os ambientes naturais se tornaram os condicionantes paisagísticos mais valorizados pelos visitantes e, evidentemente, pelos agentes de turismo. Em contraposição, com o objetivo de se adaptar a esta nova conjuntura, os espaços urbanos, especialmente os das grandes capitais, são reconstruídos através da implementação de novos equipamentos e infra-estruturas que, direta ou indiretamente, são criados para o atendimento das novas demandas espaciais “impostas” pela atividade turística. Em uma outra escala, as localidades rurais (interioranas), com todos os seus atributos geofísicos, começavam a despontar como um outro atrativo turístico ao fornecer uma possibilidade de fuga ao stress urbano cada vez mais presente e sufocante.

Dessa forma, o sistema turístico e a rede onde este se encontra sitiado são produtos da relação entre os pólos de atração e os espaços satélites cujos atrativos passam a dar sentido ao

espaço turístico confabulando para a criação de espaços hierárquicos para o desenvolvimento do turismo (BARROS, 1998; BARROS, 2002).

A atividade turística é, assim, de um lado valorizada como atividade consumidora de espaços (Cruz, 2002) e por outro se apresenta como produto também de ações dos mais diferentes atores sociais através de suas práticas ou intencionalidades.

De acordo com as referências apresentadas o turismo corresponderia a uma atividade econômica responsável pelo consumo do espaço estando sua implementação diretamente relacionada a existência de um espaço de atração, com os devidos elementos espaciais presentes, e um sujeito disposto a desfrutar das potencialidades desse espaço. Nesse contexto, o papel da geografia se torna muito importante tendo em vista a influência dessa atividade com o seu objeto de estudo – o espaço geográfico – e com as relações presentes entre os atores sociais responsáveis pela existência dessa atividade.

A atividade turística, ou o “fazer turismo”, se relacionaria, assim, a uma forma de consumo e produção do espaço cujo reflexo está relacionado aos aspectos socioeconômicos em seu reflexo no meio ambiente. Igualmente, ao analisarmos a produção e consumo do espaço pela atividade turística a teoria se sobrepõe a prática uma vez que uma se torna dependente da outra. O resultado disso seria a concepção de paisagem ou de configurações paisagísticas enquanto aspectos fisionômicos de um espaço influenciado pelo turismo tanto no que se refere aos conflitos socioespaciais produzidos pelos atores sociais como no que diz respeito às representações inerentes destes ao longo de um período de ocupação.

Sendo assim, no caso do distrito de Lavras Novas, o turismo ganhou um destaque progressivo ao se tornar um elemento estratégico ao desenvolvimento e organização espacial, já que a localidade dispunha dos condicionantes – físico-naturais e socioculturais – básicos para o desenvolvimento desta atividade, com exceção da infra-estrutura que passou a ser montada paulatinamente a medida em que o turismo foi fornecendo novas dinamizações ao espaço onde era implementado.

Contudo, o longo período de ausência de uma política pública eficiente no processo de dinamização desse espaço para o desenvolvimento da atividade turística se apresenta como um agravante à exploração desta atividade. A localidade encontra-se em um local pouco acessível e sem uma estrutura que possibilite um atendimento adequado aos turistas. Existe ainda uma desarticulação entre a sede do município de Ouro Preto e o distrito de Lavras Novas, o que tem sido

um dos principais problemas para o desenvolvimento do turismo e conseqüente inserção do distrito enquanto um espaço de referência no planejamento turístico municipal. A situação se torna ainda mais agravante se levarmos em consideração a inexistência de um diálogo entre os atores sociais no sentido de criar uma proposta de dinamização do espaço turístico de Lavras Novas sem perda da qualidade do seu meio ambiente e da herança cultural.

Nesse contexto, a Geografia pode fornecer um importante subsídio tendo em vista o compromisso desta com o estudo das organizações espaciais. Os conceitos de paisagem, território e região se apresentam como elementos-chave no estudo do espaço pela atividade turística. Tais critérios de análise, no entanto, não podem ser concebidos com existência em si. O turismo é uma atividade social e econômica e como tal é objeto de estudo de outras ciências sociais. Assim, o desafio é tentar delimitar as estratégias e táticas que remetam a um diálogo não apenas horizontal entre as ciências, mas também vertical no sentido da sobreposição das concepções sobre a análise da dinâmica do espaço turístico. Esta visão multidisciplinar, por sua vez, tem que ser conduzida levando-se em consideração as possíveis transformações espaciais e a identificação de instrumentos que ao mesmo tempo possibilitem o desenvolvimento socioespacial de Lavras Novas.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa proposta desenvolveu-se, inicialmente, a partir da pesquisa bibliográfica, buscando aprofundar o conhecimento acerca do município de Ouro Preto e, em especial, do distrito de Lavras Novas, através de um levantamento de informações já existentes em publicações e arquivos. O material bibliográfico investigado englobou inventários, *folders*, documentos, mapas, *sites*, reportagens e pesquisas sobre a localidade em estudo.

Num segundo momento foi realizada a pesquisa de campo, onde foi possível observar os fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente durante a coleta dos dados. O trabalho de campo consistiu em percorrer a localidade de Lavras Novas, abrangendo a sede do distrito (setor urbanizado) e as trilhas e locais utilizados para a prática de ecoturismo (setor não-urbanizado), quando foram identificadas as transformações espaciais ocorridas nestes setores, por meio de observação direta e contatos com atores sociais residentes ou não na área de estudo, que foram abordados de forma aleatória, no sentido de não causar tendências na obtenção dos dados. Foram abordados moradores nativos, em especial os mais idosos, por possuírem um maior conhecimento da região; proprietários de segundas residências; empresários, proprietários de estabelecimentos

comerciais (bares, restaurantes, pousadas) na localidade e representantes das ONGs existentes na localidade a fim de se levantar as transformações ocorridas em virtude da chegada do turismo.

A fim de se alcançar os objetivos propostos e buscando complementar a pesquisa, foi realizada uma entrevista junto ao Sr. Flávio Andrade, vereador da Câmara Municipal de Ouro Preto e proponente da lei que elevou Lavras Novas à categoria de distrito, visando recolher dados que não encontram-se registrados.

Procedeu-se também ao registro fotográfico dos atrativos locais e dos problemas ambientais identificados, visando dar maior consistência didática às informações recolhidas. Os dados coletados para a análise foram do tipo qualitativo, já que, neste caso, não se tinha como meta a verificação da frequência de determinados fenômenos, mas sim os efeitos que os mesmos proporcionaram. Tal análise foi pautada nos seguintes critérios: uso e ocupação do solo; impactos ambientais; descaracterização cultural; problemas sociais, aspectos históricos e reordenação espacial. Assim, a pesquisa focaliza um recorte temporal, que tem como marco histórico meados da década de 1990, decompondo a análise em duas fases – antes e posteriormente a intensificação da atividade turística.

5. O DISTRITO DE LAVRAS NOVAS

O distrito de Lavras Novas encontra-se situado na porção Sul do Município de Ouro Preto e possui uma população fixa de 771 habitantes (IBGE, 2000). Tem suas raízes na época do apogeu do ouro, em 1716, sendo um dos distritos mais antigos da região. Conta-se que o vilarejo é remanescente de quilombo, apesar de existirem documentos, até então inéditos, levantados por Tárzia (2003), que contestam essa idéia.

Durante o século XIX, vivendo sozinha e isolada, a população de Lavras Novas adquiriu um jeito particular de se organizar. As mudanças começaram a ocorrer, efetivamente, por volta de 1970, quando foram introduzidas a luz elétrica e a televisão. O contato com a sede do município se intensificou, com a inevitável alteração de valores e costumes locais, acelerada pela presença crescente de visitantes. Desta forma, adentrando no século XX, interessa registrar algumas modificações no panorama de Lavras Novas.

O ecoturismo tem se revelado em franco crescimento no distrito. A vegetação de mata de galeria mostra-se permeada por insinuantes formações rochosas, além de outros inúmeros atrativos naturais. Essa demanda por parte dos visitantes suscita maiores reflexões, já que a atividade turística

pode ser desfavorável aos poucos mais de 700 habitantes. Nesse sentido, urge encontrar um ponto de equilíbrio a partir do qual as pousadas e os bares, hoje em números expressivos na localidade, consigam render bons frutos à população.

6. POTENCIAL ECOTURÍSTICO DO DISTRITO

Diante de suas características físico-ambientais, Lavras Novas se tornou um pólo para a prática do ecoturismo, uma das modalidades do turismo que mais vem crescendo atualmente. Esta nova categoria de busca tem feito com que um novo horizonte de destinos se abra ao turismo, ampliando as possibilidades de viagens, agora também voltadas para um contato mais intenso com a natureza, que antes era tida como objeto de apropriação e exploração, mas que no atual contexto socioeconômico, passa a ser positivamente valorada frente ao panorama de escassez de recursos naturais.

A localidade de Lavras Novas está incluída em uma das rotas turísticas de maior importância no país, conhecida como Estrada Real, possuindo um dos marcos que são colocados nos pontos que fazem parte da rota. O termo Estrada Real se refere aos caminhos trilhados pelos colonizadores desde a descoberta do ouro e do diamante em Minas Gerais até as suas exaustões.

Por se tratar de uma região de elevadas altitudes, o relevo acidentado, unido à presença de recursos hídricos, formam belas paisagens. Sendo assim, seus aspectos naturais são dotados de grande atratividade destacando-se diversas cachoeiras, a Represa do Custódio, o Parque Estadual do Itacolomi – PEIT – já que o distrito encontra-se localizado dentro da área do parque –, as formações rochosas (serras, grutas, etc.) e o passeio no Trem da Vale – uma vez que este último permite a observação da paisagem que caracteriza o trecho ferroviário que liga o município de Ouro Preto à Mariana, passando por uma área que pertence ao distrito de Lavras Novas.

7. CONTEXTUALIZAÇÃO DO TURISMO EM LAVRAS NOVAS

Desde o final da década de 1970, segundo o pesquisador Vieira Filho (2000), começou a se observar na localidade de Lavras Novas uma movimentação de visitantes em busca de um lugar com características próprias e peculiares. A cultura local e, principalmente, as paisagens naturais foram despertando a curiosidade de turistas que procuravam locais exóticos para a prática da atividade.

Com o passar do tempo notou-se uma procura cada vez mais intensa pelo local. No entanto, somente a partir de 1995 o turismo em Lavras Novas começou a crescer efetivamente, com a instalação indiscriminada de bares e pousadas, projetando regionalmente o local, que passou a receber grande afluxo de turistas durante todo o ano, atraídos não só pelas belezas naturais, mas também por suas festas religiosas.

O turismo é, hoje, a principal alternativa econômica dos moradores, que antes viviam, sobretudo, do artesanato de taquara e da coleta de lenha e que agora possuem estabelecimentos, muitas vezes em suas próprias residências, destinados à venda do artesanato local, bem como a atividades culturais e de entretenimento.

Além disso, a divulgação dos atrativos locais, através das freqüentes reportagens em jornais e revistas de circulação nacional, documentários televisivos e internet só veio a incrementar a demanda turística no povoado, consolidando o processo de globalização e mercantilização. Hoje, Lavras Novas conta com um *site* próprio, destinado à divulgação dos atrativos turísticos naturais e culturais e à conscientização ambiental.

8. O TURISMO ENQUANTO RECONFIGURADOR DO ESPAÇO

8.1 Transformações Espaciais

O debate em torno do desenvolvimento turístico sempre admite os benefícios trazidos pela atividade. No entanto, esse raciocínio merece ser analisado com maior profundidade, já que os impactos socioculturais, ambientais e espaciais, provocados pela chamada indústria do lazer, têm acompanhado determinantes complexas que estão ligadas, principalmente, às alterações experimentadas por uma população quando há crescimento desenfreado do afluxo turístico. Estas regiões turísticas deparam-se com diversos fatores que modificam não apenas a cultura vigente, mas provocam também profundas reconfigurações espaciais em seu território.

No caso da localidade de Lavras Novas, com a intensificação do número de visitantes durante a década de oitenta, alguns moradores e também investidores “de fora” perceberam a oportunidade de obter algum tipo de renda, proporcionando meios de alimentação e hospedagem aos visitantes que apareciam no vilarejo. Nessa década o turismo ainda era incipiente, mas com o aumento do fluxo turístico no começo dos anos noventa, o turismo começou a se consolidar como atividade econômica promissora. Um dos fatores que muito contribuiu com o aumento da procura por este lugar foi o asfaltamento da rodovia MG-129 – a Estrada Real –, que liga Ouro Preto a Ouro

Branco, a qual dá acesso a Lavras Novas. Este asfaltamento ocorreu em novembro de 2001, o que facilitou bastante o acesso ao distrito, já que este trecho era em estrada de terra, dificultando o acesso.

Foram assim construídas novas casas e pousadas para atender a demanda crescente de pessoas vindas principalmente da capital, Belo Horizonte. Alguns desses visitantes passaram até mesmo a residir e a fazer investimentos na região, construindo meios de hospedagem e/ou de alimentação. Algumas dessas novas construções não seguiram o estilo arquitetônico local, trazendo descaracterizações ao patrimônio edificado do distrito. Vale ressaltar que os próprios moradores do vilarejo, com a intenção de obter ganhos econômicos com os visitantes, modificavam suas casas, alterando as fachadas, construindo varandas e quartos com a finalidade de serem alugados.

A partir do surgimento do turismo em Lavras Novas, pode-se averiguar que o núcleo próximo a Igreja Nossa Senhora dos Prazeres, que antigamente tinha a função eminentemente residencial, modificou-se e passou a ser ocupado também por comércio e novas edificações. Mais recentemente, em 1994, a rua principal da sede do distrito recebeu calçamento conhecido popularmente como “pé-de-moleque” inexistente antigamente no local o que provocou uma alteração do núcleo urbano central. O restante foi calçado há apenas um ano e meio atrás, em 2006.

Sendo assim, o que se pode perceber é que, anteriormente à efetivação do turismo na região, grande parte dos contatos da população local se restringia à comunidade, sabendo-se ainda que, as práticas de agricultura, em sua maioria, eram de subsistência e as de trabalho eram artesanais – baseadas principalmente no artesanato de taquara – e de coleta de lenha, sendo que, apenas algumas pessoas trabalhavam fora, principalmente na Novelis.

Com a chegada do turismo algumas dessas características se modificaram, pois a comunidade passou a ter um maior contato com outras culturas que acabaram influenciando na alteração da própria cultura da comunidade, que passou, ao mesmo tempo, a depender dos ganhos econômicos advindos do turismo, fazendo com que algumas atividades deixassem de ter maior importância econômica como a coleta de lenha. Atividade essa que sempre foi praticada com finalidade de venda para a sede e consumo dos próprios moradores. Algumas outras peculiaridades podem ser observadas no distrito, como as atividades artesanais desenvolvidas por seus moradores durante algumas gerações e que não estão tendo uma continuidade.

A questão da terra é um assunto polêmico no distrito. Alguns indivíduos conseguiram comprar grandes áreas de terra da Irmandade e com o passar do tempo fizeram loteamento dos

terrenos e revenderam essas terras adquirindo lucros com a especulação imobiliária ocorrida pelo crescimento do turismo.

Em Lavras Novas, atualmente, a classe dominante se tornou aquela detentora dos meios de receptivo turístico e, com seu poder de influência, acaba impondo à sociedade local seu modo de pensamento. Essa classe dominante passou a fazer parte dos processos locais, integrando-se à comunidade existente e passando a ter influência na região, seja política, econômica, cultural e social, tendo condições de requerer melhorias para o distrito influenciando em parte no desenvolvimento turístico da região.

O poder público municipal, por conta de reivindicações de indivíduos ligados a infraestrutura turística e a associações populares, e devido ao potencial turístico da região, passou a dedicar maiores investimentos em infraestrutura básica ao distrito para melhorar a qualidade de vida da população e aperfeiçoar os meios de recepção aos turistas. Diante disso, para uma maior representação do lugarejo perante o poder público, em 14 de outubro de 2005, Lavras Novas foi elevada à categoria de distrito de Ouro Preto, pois antes era qualificada como sub-distrito, pertencente à área territorial que delimitava a sede do município.

Segundo o vereador Flávio Andrade, autor da lei que cria o distrito de Lavras Novas, a idéia da transformação da localidade em um distrito surgiu principalmente em função de dois fatores muito objetivos: 1- Lavras Novas cresceu mais do que todos os outros distritos de Ouro Preto nos últimos anos; e 2- Existia uma vontade da comunidade em ter o mesmo status de Santa Rita e Santo Antônio do Salto, que são distritos vizinhos. Além disto, o vereador diz ter sido movido por um impulso pessoal, pois um lugar com a força cultural de Lavras Novas tem que ser 'ele mesmo', sem pertencer a outro distrito.

Contudo, segundo Flávio Andrade, esta reconfiguração espacial ocorrida em Ouro Preto não trouxe nenhuma implicação direta para o setor administrativo do município. O que há atualmente são desdobramentos administrativos e políticos indiretos, pois, por exemplo, a figura do distrito é levada em consideração no planejamento municipal e tem maior importância no que se refere aos recursos destinados ao Orçamento Participativo.

No que se refere à existência de um administrador regional, responsável por cada distrito, o que ocorre é que esta figura, segundo ele, só existe nos dois distritos maiores: Cachoeira do Campo e Santa Rita. Mesmo assim, há que se ressaltar que mesmo neles não há um administrador responsável pelo local, mas sim pessoas incumbidas de diferentes áreas como transporte de alunos,

posto de saúde, abastecimento de água etc, demonstrando mais uma vez o descaso com a importância de pessoas ligadas ao planejamento e exploração da atividade turística nas localidades, e a falta de fundamentos verdadeiramente concretos no que diz respeito ao fato de se provocar uma reconfiguração espacial em um determinado território.

De acordo com Flávio Andrade, a Prefeitura Municipal de Ouro Preto – PMOP tem investido em todos os distritos, através, por exemplo, da reforma de escolas, de postos de saúde, através do calçamento das ruas, colocação de postes etc. Contudo, no tocante à meta da atual gestão pública municipal, com relação à divulgação do entorno do município, voltada para os distritos e áreas naturais, segundo ele, não está assim tão implementada, apesar de ser perceptível que esta divulgação já está ocorrendo. Em sua opinião, a prefeitura tem mostrado até mesmo uma grande precariedade nesta área. Ele acredita que a divulgação é “meio que natural” e acha que o distrito nunca vai estar “pronto” para depois ser divulgado, ou seja, desvalorizando, mais uma vez, a importância do planejamento turístico.

Frente ao processo de turistificação pelo qual vem passando Lavras Novas, há, segundo o vereador, muitas implicações com relação às medidas que estão sendo tomadas pelo poder público. Ele entende que há alguns fatos a considerar que podem ajudar nesta análise.

Primeiramente, não haver desempregados é positivo, pois significa uma resposta à crise geral. Segundo, a comunidade não se deixou invadir pela cultura de fora, sendo que os nativos estão tirando proveito do crescimento, mesmo com algumas casas sendo vendidas para estrangeiros. Em terceiro lugar, eles não se “misturam”: quem é de fora continua sendo de fora, e eles continuam sendo eles mesmos. Quarto, eles continuam falando no seu quase dialeto soprado entre os dentes, as mulheres mais velhas vestindo saia por cima de calça e todos adorando, de verdade, Nossa Senhora dos Prazeres, padroeira do distrito.

Contudo, o que pôde ser constatado neste estudo é que o que vem ocorrendo não é exatamente isto. Segundo conversas com alguns moradores nativos, em especial os mais antigos, a população jovem local está sendo muito influenciada pelos hábitos trazidos pelos turistas. O contato entre estas duas culturas – a local e a dos visitantes – está tendo efeitos desestruturadores na organização social local, pois está ocorrendo uma sobreposição de culturas, com perda da identidade local, pois esta população mais jovem considera a cultura dos “de fora” mais importante, incorporando-a em detrimento da sua. Assim, há casos de jovens envolvidos com entorpecentes, prostituição, além de

mudanças em suas formas de se vestir e de se alimentar, na desvalorização da manutenção dos costumes religiosos, dentre outros que podem ser facilmente observados no distrito.

Um outro problema, também muito presente na localidade, é a presença de uma aglomeração de turistas na rua principal, consumindo bebidas alcoólicas junto a muitos carros com equipamentos de som de alta potência ligados, produzindo um grande incômodo sonoro. Além de muita desordem, estes visitantes deixam uma grande quantidade de lixo no local e interferem na tranqüilidade característica do vilarejo, interferindo nos hábitos e costumes locais.

Não há no distrito um estudo a respeito da capacidade de carga permitida, sendo que em épocas de feriados prolongados ou até mesmo finais de semana comuns, Lavras Novas recebe um número muito grande de visitantes, notavelmente maior do que a localidade pode suportar, levando-se em conta a infra-estrutura existente. Como consequência, esta presença descontrolada de turistas acaba por provocar degradação ambiental, pois as trilhas não suportam os impactos causados pela compactação do solo, além do problema do lixo deixado nos atrativos naturais.

Retomando um dos pontos abordados anteriormente, Lavras Novas vem sofrendo sérias desconfigurações espaciais devido a descaracterização arquitetônica. É possível observar no lugarejo a presença de muitos imóveis com um estilo rústico, que contrasta com o estilo simples e interiorano característico do distrito.

Dentre as mais perceptíveis consequências do turismo sobre o meio ambiente, está a descaracterização da paisagem, em vista do surgimento de construções que não seguem o padrão arquitetônico original (RUSCHMANN, 2000; SWARBROOKE, 2000). Assim, a implantação de edificações, além de artificializar a paisagem, tende a privatizá-la, tornando-a muitas vezes inacessível aos transeuntes em geral. Tal processo destrói a lógica do funcionamento e expansão do turismo. Este, como atividade subordinada ao capital, gera os mesmos problemas espaciais, ambientais, sociais e econômicos do desenvolvimento urbano clássico, apenas com algumas peculiaridades (LUCHIARI, 2000; MENDONÇA, 2001).

Para Swarbrooke (2000), as localidades em que o ambiente construído representa, em termos de sua época, de sua aparência estética e de seu interesse histórico, uma atração principal para os turistas, são os cerne do produto do turismo.

Este é o caso típico de Lavras Novas, que na hipótese de não ter seu patrimônio edificado preservado, experimentará um grande declínio de sua atratividade turística. Isso porque, com o crescimento do turismo na localidade, tornou-se inevitável o surgimento de novas construções

visando a acomodação dos visitantes, cada vez mais numerosos. Com isso, põe-se em risco um dos maiores atrativos do povoado, que é o casario tradicional composto por casinhas baixas de adobe e pau-a-pique, conferindo ao local um aspecto verdadeiramente aconchegante e peculiar.

Contudo, segundo o vereador Flávio Andrade, o novo Plano Diretor de Ouro Preto (2006) restringiu bastante as construções no local, o que provocou uma quase inédita união entre os nativos e os empresários de fora para mudar a lei, o que está sendo muito positivo para a integração entre os atores locais e a preservação das características espaciais.

Sendo assim, o crescimento do turismo vem ocasionando uma expansão urbana desordenada. Num espaço de tempo muito reduzido o distrito tem sofrido significativa alteração em sua configuração espacial, através da ocupação de áreas antes inóspitas, com loteamentos em topos de morros e áreas de acentuado declive, ocorrida, principalmente, na última década. O rápido crescimento da atividade turística em Lavras Novas vem provocando o surgimento, num ritmo acelerado, de novas edificações destinadas a absorver o afluxo de visitantes. Essa necessidade de expansão imobiliária, em curto espaço de tempo, culmina numa total falta de planejamento na construção desses imóveis, que são erigidos em locais inadequados, em topos de morros e áreas de acentuado declive, em desacordo com a legislação vigente.

Isso se deve ao fato de que o núcleo habitacional já se encontra formado, havendo então a tendência à expansão em direção às encostas. A implantação de loteamentos em topos e encostas de morros leva à erradicação da cobertura vegetal, deixando o solo exposto às intempéries. Isso, associado às altas declividades, promove o aumento do escoamento superficial, com o conseqüente arraste de partículas do solo para os cursos d'água, causando o assoreamento dos mesmos (ARRUDA, 1997).

Neste contexto, diante de todas estas transformações espaciais que estão ocorrendo nos distritos ouropretanos, mais acentuadamente em Lavras Novas, a PMOP criou um projeto visando transformar seus doze distritos em patrimônio oficial do município. O distrito de São Bartolomeu foi o pioneiro e outros três processos já estão em curso, dentre eles o de Lavras Novas, sendo que o fichamento dos bens móveis e imóveis, que é a primeira etapa, já foi concluído (Jornal Hoje em Dia, 10 jun 2006).

Gabriel Gobbi, secretário do Patrimônio Histórico e Regulação Urbana de Ouro Preto, esclarece que apenas a sede do município é tombada, e não os distritos. Por isso, medidas que garantissem a preservação desses locais eram urgentes. Assim, essa medida representa a garantia de

que não serão mais construídas edificações que agridam o conjunto urbano, boa parte dele edificado no século XVIII, durante o Ciclo do Ouro, como o que vem acontecendo com o distrito de Lavras Novas, em função do turismo desenfreado. A diretora da Associação para o Desenvolvimento do Turismo em Lavras Novas – ALN, Madu Dumont, concorda. Ela se diz preocupada especialmente com os danos causados pelos visitantes que vêm da própria região: *“São pessoas que passam o dia aqui, jogam lixo nas cachoeiras, param seus carros em cima do gramado, ligam o som na maior altura e nada deixam para a comunidade”*. Segundo Madu, o fluxo de turistas mal-educados aumentou nos últimos dois anos, com o crescimento das periferias de municípios próximos como Ouro Branco e Conselheiro Lafaiete, por exemplo. Diante disto, a associação faz um trabalho educativo junto aos turistas, alertando para a necessidade de se preservar o distrito.

8.2 Transformações Ambientais

O turismo trouxe para a localidade aspectos positivos. A geração de renda e empregos é o aspecto de maior relevância de um modo geral. Lavras Novas era uma comunidade isolada e sua principal fonte de renda era o artesanato de taquara e a coleta de lenha. As pessoas que não conseguiam inserir-se nestas atividades tinham que sair do distrito em busca de trabalho. Assim, o turismo surge como uma alternativa de desenvolvimento econômico local, geradora de renda; porém, esta não tem sido distribuída equitativamente, a exemplo do que ocorre em outros destinos turísticos.

Há problemas que são recorrentes em núcleos turísticos e que podem ser observados no local estudado, tais como: aculturação, exclusão da comunidade local das áreas destinadas ao lazer, aumento do consumo de entorpecentes, principalmente pelos jovens e aumento da violência. Todos estes fatores são determinantes da mudança de comportamento da comunidade receptora.

Observa-se, na maioria das vezes, que o turista se encontra em posição privilegiada, gozando de certo poder traduzido em superioridade, permanecendo isolado em “guetos” e não se relacionando de modo espontâneo com a população local. Desse modo, podem ocorrer conseqüências desastrosas, especialmente entre as classes etárias mais jovens. Estes se encantam com a aparente superioridade dos visitantes, criando novas aspirações que geram insatisfações profundas e predisõem a conflitos (RODRIGUES, 1997).

Com relação a alteração de hábitos tradicionais, é possível perceber a influência dos turistas nas manifestações culturais locais. Esses eventos geralmente têm caráter ritualístico, tendo um

significado próprio para a comunidade. Todavia, os visitantes não se contentando em serem “espectadores”, acabam querendo participar da manifestação, interferindo na tradição.

Analisando-se o artesanato local, pode-se constatar que quase todos os donos de lojas de artesanatos não são nativos. Essas lojas são mais recentes, possuindo cerca de cinco anos de abertura, o que indica que a atividade vem crescendo nos últimos anos. O artesanato em taquara já foi atividade de toda a comunidade, porém, hoje, é realizado por no máximo dez famílias, pois o que ocorre é que o artesanato regional – pedra sabão e sisal – é sobreposto por artigos provenientes do nordeste, indicando que não existe uma valorização do artesanato local, que acaba por se render a uma imposição do mercado capitalista, no qual ganha quem possui uma estratégia logística mais eficiente. Desta forma, como pode ser percebido, a comunidade local precisa estar atenta, pois o turismo traz alto custo social quando não ocorre de maneira organizada em uma determinada localidade.

Em se tratando dos aspectos ambientais percebe-se que os impactos sobre o meio ambiente são muitos, sendo que os negativos prevalecem sobre os positivos. Alguns aspectos ambientais se destacam:

- Compactação do solo, provocada pelo pisoteamento intenso, que segundo Schellas (apud LEMOS, 1999) diminui a capacidade de retenção de água, alterando assim sua capacidade de sustentar vida vegetal e animal;
- Erosão, causando diversas conseqüências, tais como a exposição das raízes das plantas, dificultando sua sustentação e facilitando a contaminação das mesmas, deixando-as suscetíveis às pragas (idem);
- A abertura de novas trilhas, segundo Guillauman (apud LEMOS, 1999) podendo provocar interferência em rotas de deslocamento de algumas espécies, destruição de hábitat, destruição de abrigos de animais etc.

A interferência antrópica – visitaçã, prática de esportes *off-road* (jipeiros, motoqueiros e ciclistas) freqüentes na região – causa distúrbios sonoros, visuais e olfativos na fauna, além de acentuar a erosão.

Com relação ao abastecimento de água, este é feito por rede pública. O esgoto doméstico é recolhido pela mesma e lançado sem tratamento nos ribeirões, sendo que algumas pousadas lançam

seu esgoto em fossa, provocando a contaminação dos recursos hídricos na região. Além do mais, a população queixa-se do pequeno reservatório responsável pelo abastecimento de água no distrito, o que provoca sua falta principalmente em períodos de muito movimento.

Outro grave problema verificado é a destinação do lixo urbano. Este, por ser inesgotável, se torna um sério problema para os órgãos responsáveis pela limpeza pública, pois diariamente grandes volumes de toda natureza são descartados no meio urbano, necessitando de um destino final adequado. Lavras Novas possui coleta de lixo realizada pela PMOP, serviço implantado devido ao aumento da demanda provocada pelo grande contingente de turistas.

Frente a todos estes impactos levantados, há organizações conscientes e preocupadas com a preservação desta localidade. O distrito conta com cinco entidades que procuram intervir na exploração desordenada da atividade, a fim de minimizar os impactos provocados pelo turismo. São elas: ALN, ONG Lavras Vivas, ONG Serra do Trovão, Associação de Moradores e Amigos de Lavras Novas e Associação de Moradores e Amigos da Chapada. Isso demonstra o grande poder de influência que a atividade turística tem de transformar os espaços, o que demanda também e, principalmente, uma intervenção por parte do poder público, visando conter e organizar o grande fluxo de visitantes que buscam esta região.

9. CONCLUSÃO

Ouro Preto, cidade Patrimônio Cultural da Humanidade, destaca-se como destino turístico por possuir o maior conjunto arquitetônico e urbanístico tombado no país. No entanto, novos produtos turísticos estão surgindo neste município com o intuito de atender a novos tipos de turistas e aumentar as opções para quem já vem em busca do turismo histórico-cultural. Um exemplo disto é a grande procura por suas áreas naturais, fenômeno que vem ocorrendo não só no município, mas em todo o planeta em um contexto geral, devido a esta necessidade que atualmente as pessoas estão tendo em retomar o contato com a natureza.

Diante deste novo interesse, ganha destaque o mais recente distrito ouropretano – Lavras Novas –, possuidor de uma grande atratividade devido a seus aspectos físico-ambientais e culturais. Neste contexto, é possível observar que esta região vem se constituindo num alvo de mudanças em sua organização socioespacial ocasionadas pelo afluxo cada vez maior de visitantes e turistas, além da crescente ocupação caracterizada pelas segundas residências de lazer. Tal fluxo turístico e ocupação exógena (de pessoas oriundas principalmente da capital e cidades vizinhas) vêm

aumentando significativamente nos dias atuais. Contudo, é fácil observar que a maioria destes visitantes não zela pelo patrimônio local, sendo possível detectar que a avaliação do ambiente por parte destes é puramente estética. É a visão de um estranho e um estranho julga pela aparência, por algum critério formal de beleza.

Sendo assim, apesar da grande dificuldade, é preciso um esforço especial para provocar empatia em relação às vidas e valores da comunidade local, pois a percepção de um visitante frequentemente se reduz a usar os seus olhos para compor quadros do que foi visto no local. Para se ter uma relação mais intensa com o lugar é preciso vivenciá-lo, numa relação de troca, aprendizado e respeito. Portanto, o ecoturismo deve envolver tanto um sério compromisso com a natureza como responsabilidade social.

A desconsideração dos patrimônios natural e cultural locais no planejamento e desenvolvimento turístico está profundamente relacionada às reconfigurações espaciais geradas na maior parte dos destinos turísticos. Daí a importância de se organizar a atividade turística, pois o desenvolvimento integrado da mesma traz vantagens para o visitante, que poderá conviver com interesse e respeito com as pessoas do lugar, caminhar fora de circuitos turísticos, olhar com atenção para o meio circundante e conhecer os costumes locais através de um contato mais pessoal.

No caso do distrito de Lavras Novas, a falta desse planejamento da atividade turística causa uma divisão espacial em dois mundos distintos muito perceptível – um mundo dos turistas, outro dos moradores – o que gera conseqüências negativas para os habitantes locais, que têm seu espaço invadido por pessoas de fora à procura de lazer e também para os próprios visitantes, que deixam passar a oportunidade de adquirir novos aprendizados, conhecendo uma cultura tão peculiar e na maioria das vezes bastante diferente da sua.

Tudo isto remete ao processo de turistificação, comum a muitos destinos turísticos, onde determinada localidade passa a viver principalmente em função da atividade turística, tendo seus espaços completamente transformados por este fenômeno. No caso de Ouro Preto, pode-se perceber tamanha força no que diz respeito a reterritorialização provocada pelo turismo. Analisando-se a representatividade da região de Lavras Novas frente ao município, bem como todas as transformações ocorridas em conseqüência da atividade turística, é possível detectar que o turismo foi o fator de maior influência no processo de reconfiguração espacial ocorrida no território do município de Ouro Preto em outubro de 2005.

Diante deste poder transformador intrínseco ao fenômeno turístico é possível se ter uma idéia do que o mesmo pode ocasionar, principalmente em se tratando de comunidades tradicionais, com uma cultura mais frágil, como é o caso da localidade em estudo. Todavia, o que se percebe é o grande descaso por parte do poder público municipal com relação às conseqüências do turismo sobre o distrito. Como sempre, o turismo é tido pelos administradores locais como um agente benéfico, pois este gera empregos e traz renda para a população local. Todavia, privilegiam os ganhos econômicos em detrimento dos grandes impactos sobre o meio natural, a cultura e as relações socioespaciais que ali existem e que tornam a localidade tão peculiar.

Assim sendo, o processo de construção do sentido da sustentabilidade se torna indispensável na prática da atividade turística, pois a idéia de sustentável traz como eixo principal a questão da qualidade de vida do homem na Terra, bem como a qualidade de vida do planeta. E, apesar da utopia inerente ao conceito de desenvolvimento sustentável, esta idéia pode sim ser colocada em prática. Basta que cada um olhe para dentro de si e comece a refletir sobre suas ações frente não só ao seu espaço, mas também ao espaço do outro, que é carregado de significados que se refletem na identidade local de seus moradores.

Destruir estes signos, através da descaracterização espacial, degradação ambiental, desvalorização da cultura local, dentre outros, afeta não somente o modo de vida do outro, mas contribui com uma homogeneização de culturas característica do sistema capitalista vigente.

Nesta conjuntura cabe ressaltar que ‘o diferente’ tem uma grande importância na exploração da atividade turística, pois é exatamente este o principal fator que exerce nas pessoas a motivação necessária para conhecerem lugares com características próprias, distintas das quais ela está habituada.

Portanto, espera-se que as considerações realizadas neste estudo sirvam como reflexão sobre a necessidade de abordar a atividade turística também a partir do olhar das comunidades locais e não apenas sob a perspectiva do mercado, já que elas participam concretamente desse processo. Trata-se, assim, de analisar os impactos turísticos a partir da perspectiva destas comunidades buscando minimizá-los, pois estas, por sua vez, são as que vivenciam as conseqüências dessas transformações em seu espaço, refletindo em modificações no seu modo de vida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. G. **Algumas inquietações sobre ambiente e turismo**. In: MENEZES, A. V. C. & PINTO, J. E. S. S. Aracaju: NPGeo/UFS, 2000.
- ANDRADE, Flávio. Vereador da Câmara Municipal do Município de Ouro Preto. **Entrevista**. Ouro Preto. Em 23 jun. 2006.
- ANDRADE, J. V. **Turismo: Fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 1995.
- BARROS, N. **Manual de Geografia do Turismo: meio ambiente, cultura e paisagens**. Recife: UFPE, 1998.
- BARROS, N. **Análise regional e destinações turísticas: possibilidades teóricas e situações empíricas em Geografia do Turismo**. In: Turismo Visão e Ação. ano 4. v. 4. n4. Revista científica do Mestrado em Turismo e Hotelaria da Universidade Vale do Itajaí. Itajaí: UNIVALI, abr.-dez. 2002.
- BORGES, C. A.; CRUZ, C. L. V. **Transformações Turísticas na Região de Ouro Preto a Partir da Década de 90**. Ouro Preto: UFOP/DETUR, 2003.
- COELHO, F. F. **A Organização e o Planejamento do Turismo na Cidade de Ouro Preto**. 2004. 64f. Monografia (Bacharelado em Turismo) – Departamento de Turismo, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2004.
- CORDEIRO, E. D. **A Baixa Permanência do Turista em Ouro Preto: Diagnóstico e Propostas para Reverter este Quadro**. 2005. 91f. Monografia (Bacharelado em Turismo) – Departamento de Turismo, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2005.
- CORDEIRO, E. D.; CRUZ, C. L. V.; FERREIRA, C. R. A.; et al. **Estudo dos impactos causados pela atividade turística nos ecossistemas de Lavras Novas e Chapada**. Ouro Preto: UFOP, 2003. Notas de aula.
- CRUZ, R. C. A. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2001.
- CRUZ, R. **Política de Turismo e território**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2002 (Coleção Turismo).
- GONTIJO, B.M. **A Ilusão do Ecoturismo na Serra do Cipó/MG: o caso de Lapinha**. Tese de Doutorado. Brasília: UNB/CDS, 2003.
- GOTTDIENER, M. **A Produção Social do Espaço Urbano**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1997.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo do município de Ouro Preto/MG em 2000**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em 15 fev. 2007.
- IGNARRA, L. R. **Fundamentos do Turismo**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- LAGE, B.H.G & MILLONE, P. C. **Impactos socioeconômicos do turismo**. In: Revista de Administração. São Paulo, v.33, out.-dez./1998.
- LAVRAS Novas On-Line. Disponível em:<[http:// www.lavrasnovas.com.br](http://www.lavrasnovas.com.br)>. Acesso em: 22 de nov. 2006.
- LEFEBVRE, H. **De l'Etat**. (4vol) Paris: Union Générale d' Éditions,1976 -1978.
- LEMOES, A. I. **Turismo e Impactos Socioambientais**. 2ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.
- LUCHIARI, M.T.D.P. **Turismo, natureza e cultura caipara: um novo colonialismo?** In: Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente. SERRANO, C. M. T. e BRUHNS, H. (Orgs.). 3.ed. Campinas, SP: Papirus Editora, 2000.
- MENDONÇA, R. **Turismo ou meio ambiente: uma falsa oposição?** In: Turismo: impactos socioambientais. Amália Inês G. De Lemos (Org.). 3.ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2001.
- OLIVEIRA, C. R. **Introduzindo o Espaço do Ócio**. In DAMIANI, A. L. et al. (Orgs.) **O Espaço no fim do século: a nova raridade**. São Paulo: Contexto, 1999.

- OLIVEIRA, A. **Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- OSWALDO, A. **Plano de Governo 2005/2008 para o município de Ouro Preto**. Ouro Preto, 2004.
- OURO PRETO. Prefeitura Municipal de Ouro Preto. **Plano de Inventário do Acervo Cultural dos Distritos de Ouro Preto**. Ouro Preto: Secretaria Municipal de Cultura, 2004.
- PIRES, P. **A paisagem litorânea como recurso turístico**. In. Yázigi, E.; Carlos, A. F. A.; e Cruz, R. C. A. (org.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. 3^a ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- RODRIGUES, A. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- RODRIGUES, A. M. **Produção e Consumo do e no Espaço: Problemática Ambiental Urbana**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- RUSCHMANN, D.V. M. **Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente**. 6 ed. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2000.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, S. e COOK, W. **Explorando o mundo social**. In: L. KIDDER (org.), **Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais**. Vol. 1. São Paulo: EPU, 1987.
- SWARBROOKE, J. **Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental**. Série turismo. 2. ed. v. 1. Tradução de Margarete Dias Pulido. São Paulo: Editora Aleph, 2000.
- TÁRCIA, C. **Nossa Senhora dos Prazeres das Lavras Novas**. In: Santo de casa: história de Chapada, Lavras Novas, Salto e Santa Rita de Ouro Preto. *Jornal Ouro Preto*, Ouro Preto/MG, ano 5, n.43, fev. 2003. Encarte.
- VIEIRA FILHO, N. Q. **Social and cultural impacts of tourism: lessons from a case study in the community of Lavras Novas, Ouro Preto, Brazil**. In: *Annals of Second International Congress & Exhibition on Ecotourism*. Salvador, Bahia, Brasil. Realization Biosfera, April, 2000.